

CAMINHO DO OURO E CAPELAS COLONIAIS

Francisco Sodero Toledo

A paisagem valeparaibana é caracterizada pela presença do rio Paraíba do Sul ladeado pelas serras que o circundam, do Mar e da Mantiqueira, resultando na formação do vale, conhecido por Vale do Rio Paraíba do Sul. (Sodero Toledo, 2001, 80-83) O rio funcionou como um corredor, facilitando a penetração e fixação do homem. Na suas proximidades foram surgindo e evoluindo os principais núcleos populacionais. Da sua navegação nasceram portos e surgiu um tipo humano característico, morador de suas margens, vivendo da pesca, o piraquara. As serras emolduram a paisagem regional e tornaram-se obstáculos a serem transpostos pelos viajantes que aqui passavam em direção ao litoral e de para outras partes do interior do país.

Nos primeiros séculos de colonização foram acrescentados à paisagem natural duas novas e importantes características: os caminhos e as capelas. Símbolos marcantes da presença e da conquista portuguesa na região. Por intermédio deles pode se reviver a História do Vale do Paraíba.

1 - OS CAMINHOS

Os caminhos preencheram a necessidade histórica e serviram como meio de locomoção e comunicação entre os diferentes pontos da região e desta com os outras regiões do interior e com o litoral. Permitiram a penetração do homem branco, o povoamento e a colonização do território e a busca das riquezas materiais. Foram instrumentos da conquista portuguesa. Empresteram à região uma marca histórica, a de se constituir um "lugar de passagem". Entre os caminhos utilizados destacaram durante o período colonial o Caminho Velho dos Paulistas ou Estrada Geral que ligavam o Vale do Paraíba à Vila de São Paulo e a Estrada Real: o Caminho do Ouro.

Estrada Real : o Caminho do Ouro

Com a descoberta do ouro em fins do século XVII ocorreu o aumento da produção de metais preciosos e o desenvolvimento da área de mineração. Foi preciso transportar os metais preciosos do interior do país até o porto de embarque,

controlar o transporte e o trânsito de pessoas e animais, fiscalizar a circulação de metais, garantir a cobrança dos impostos por parte da Coroa. Para tanto foi criada a Estrada Real.

A partir de então a velha trilha dos Guaianás, até então chamada de Caminho da Serra, no trecho Paraty-Cunha, ou Caminho Velho, passou a ser conhecida como Caminho do Ouro, Trilha do Ouro e, por fim, Estrada Real. A estrada oficial, única via por onde a Coroa portuguesa autorizava o transporte das riquezas extraídas. Todo o transporte de ouro e de metais preciosos das "minas gerais" passou a ser feito por este caminho até Paraty, e, por via marítima, daquele porto fluminense à cidade do Rio de Janeiro, de onde seguia para o exterior. Na região do Vale do Paraíba, as Vilas de Taubaté e Guaratinguetá situadas em entrocamento de caminhos, passam a compor este roteiro, inseridas no contexto do movimento da economia mineira. O Caminho do Ouro saía, inicialmente, de Vila Rica, atravessa a região das minas, passando por Cachoeira, Congonhas do Campo, São João Del-Rei, Baependi, Pouso Alto, Rio Verde até atingir a garganta do Embaú. Ali começava o penoso e áspero trecho da descida da Serra da Mantiqueira, passando vinte vezes pelo mesmo rio que recebeu nome de Passa Vinte. Chegava ao povoado do Embaú de onde dirigia-se para o Porto de Guaypacaré, atual cidade de Lorena. Margeando o Rio Paraíba chegava-se a cidade de Guaratinguetá. De lá prosseguia até Taubaté para chegar a "Casa de Fundação" e "Casa dos Quintos". Seguia-se adiante subindo pela Serra do Mar em direção a Cunha. Do alto da serra atingia-se Paraty de onde o ouro era então enviado para a cidade do Rio de Janeiro. Havia ainda a possibilidade de chegar-se a Cunha seguindo a vereda antiga que ligava Guaratinguetá diretamente a Cunha, passando pela Serra da Quebra Cangalha.



Estrada Real : Caminho do Ouro - trecho paulista do Facão, atual município de Cunha à Garganta do Embaú.

Durante o século XVIII sua história esteve sempre ligada à circulação e ao controle das riquezas minerais provenientes das Minas Gerais. No início, entre os anos de 1695 a 1703, todo o ouro era manipulado na Vila de Taubaté, para depois ser encaminhado ao Reino, via Paraty. A partir de 1704 até o ano de 1710 o ouro passou a ser cunhado diretamente naquele porto fluminense.

Caminho do Ouro no contexto regional

O Caminho do Ouro foi constituído Estrada Real em 1702. Tornou-se o caminho oficial, propriedade da coroa metropolitana. Atendia assim o interesse real, base da política metropolitana para as regiões mineradoras da colônia, o de ter as rotas de comunicação rigorosamente controladas e fiscalizadas para garantir a cobrança de impostos e evitar os descaminhos das riquezas auríferas. Ele serviu como meio de ligação do interior com o litoral e acabou por dar sentido e ritmo a organização desta extensa região. Primeiro como via de penetração, depois como passagem obrigatória para diversos pontos do território brasileiro. Ao vencer as asperezas dos caminhos os bandeirantes, aventureiros e pessoas das mais diversas origens e procedências fizeram com que aumentasse a importância da região valeparaibana no contexto colonial brasileiro. Tudo se prendia a circulação de riquezas, mercadorias, pessoas para as áreas mineradoras. Durante o século XVIII as condições sociais de existência refletia diretamente as condições criadas pelas relações entre o litoral e as minas.

Ao longo dele foram instalados os antigos registros, construíram-se rancho de tropas, vendas, oficinas; ergueram-se capelas; fundaram-se povoados e vilas, estimulados pela presença dos viajantes e das riquezas que eram transportadas pelos animais e escravos.

A Estrada Real: Caminho do Ouro, este monumento de outrora, tornou-se um dos troncos viário principal do centro-sul do Brasil. A sua utilização favoreceu a apropriação do interior brasileiro e a sua integração com a faixa litorânea. Além de estimular o comércio e a economia regional, tornou-se, com os anos, o eixo histórico cultural da nossa História e a força centrípeta que foi capaz de alicerçar os sentimentos de nacionalidade. "A percepção de tal metamorfose, ou melhor, essa tomada de consciência, isto é, os colonos descobrindo-se como "paulistas",

"pernambucanos", mineiros", etc, para afinal identificarem-se como "brasileiros". (Souza,1997,22) Implantou-se então, o cerne de nossa identidade. Pode-se considerá-lo como a pedra fundamental na história do povoamento e da colonização do Vale do Paraíba e de vastas regiões do território brasileiro. Por meio dele se configurou a base física e os fundamentos da sociedade regional. O Caminho do Ouro foi importante meio de comunicação e fundamental na formação de um novo contexto regional. Hoje, com a sua redescoberta e reutilização, passa a compor o cenário do grande projeto turístico Estrada Real, base sólida para o desenvolvimento sustentável regional, nesta parte do território brasileiro.

Os Caminhos e a região do Vale do Paraíba Paulista

O Vale e as Minas

Os efeitos da utilização do Caminho do Ouro como rota de comunicação entre o litoral e o interior da colônia e sua importância no contexto regional logo se fizeram sentir. A cidade de Paraty e o Vale do Paraíba foram favorecidos pela descoberta e corrida ao ouro. Os núcleos urbanos ganharam importância política-administrativa e comercial. Foi o tempo de "euforia" que se estendeu desde o final do século XVII com as descobertas do ouro, até 1711, quando ocorreu a abertura definitiva do Caminho Novo de Garcia Paes.

De início, a Vila de Taubaté foi a mais beneficiada devido à sua posição geográfica privilegiada, pela importância política-administrativa no contexto histórico regional, por ter se constituído em centro de irradiação de povoamento e de expansão das bandeiras paulistas. As bandeiras provenientes do litoral ou da Vila de São Paulo, ao se dirigirem para o interior, tinham nesta Vila paragem quase que obrigatória, tornando-a centro de bandeirantismo. Em reconhecimento à gente taubateana, a Coroa Portuguesa instalou na Vila de Taubaté a Casa dos Quintos em 1695 e a Casa de Fundação, em 1697.

Em 1704 com a transferência da Casa dos Quintos, a Vila de Taubaté perdeu para a Vila de Paraty a posição de destaque no controle e fiscalização das riquezas auríferas. Neste período, quando o ouro escoava por Paraty, "que se tornou o porto mais rico, o mais importante, conhecido mesmo como o porto do ouro." (Fernandes, 2004, 85) A Vila de Paraty, importante até então pela sua posição geográfica, pelo seu porto e por estar situada no início da Estrada Real, ampliou suas funções comerciais, tanto na ligação com as localidades do Vale do Paraíba, como as novos centros urbanos que vão se originando ao longo do caminho, em território mineiro. Mais do que isto, passou a ter um papel significativo no contexto da História regional, do Brasil e do Império português. Ela se transformou, segundo A. Barros, no "pioneiro inconteste no processo de mundialização", assumindo papel de destaque no novo modelo internacional originado no século XV com o processo de expansão marítima e comercial europeia. Passou a realizar a integração da economia do centro-sul brasileiro, cortado pela Estrada Real, com os cinco continentes da terra, via monopólio do comércio colonial exercido pela metrópole portuguesa.

Vale do Paraíba: região de passagem

Com o desenvolvimento da importância da área mineradora nas primeiras décadas do século XVIII o Vale do Paraíba acabou transformando-se em área subsidiária da região aurífera, com o meio rural produzindo para seu abastecimento, e os núcleos urbanos oferecendo mão-de-obra e serviços, atendendo os que para lá se dirigiam e servindo de elo de ligação com os fornecedores extra-regionais, como no relacionamento com o Sul e Nordeste do país.

As Estradas Reais que realizavam a ligação com as Minas Gerais passaram a ser utilizadas por número cada vez maior de pessoas. Como afirmou a historiadora Mafalda Zamella, "...apesar de penosos, apesar de longos, eram caminhos cheios de vida, cheios de movimento, percorridos incessantemente por levadas de forasteiros que iam instalar-se nas minas, bem como por barulhentas tropas de mercadores que levar às Minas Gerais tudo aquilo que suas populações reclamavam". (Zemella, 1990, 56).

Ao longo do Caminho do Ouro foram-se desenvolvendo plantações, produzindo-se produtos de subsistência para abastecer os viajantes e suas tropas, como também para enviar para os centros populacionais mineiros, onde os preços dos produtos compensavam em muito os mercadores.

A região valeparaibana transformou-se, desde então, em via de passagem entre o interior de Minas Gerais e o litoral e na maior área abastecedora das Minas Gerais. Por ela saíam ou passavam os mais variados produtos: mueres vindo do Sul, cereais, vacas, vara de porcos, tecidos, marmelada, carnes defumadas, algodão e lã. Como afirma Nice L. Müller: "Tudo aí se prende à circulação para as áreas mineradoras, primeiro, como via de penetração, depois, como passagem obrigatória de ligação: a vida econômica refletia, diretamente, as condições criadas pelas relações com as Minas".

Caminhos: povoados e vilas

A região do Vale do Paraíba, apesar de perder, gradativamente, o papel de área abastecedora das Minas, pela abertura do Caminho Novo de Garcia Paes, pelo crescente desenvolvimento das atividades rurais e urbanas da própria área de mineração e pela concorrência do Rio de Janeiro e da área fluminense, os centros

urbanos apresentaram desenvolvimento, mesmo que modesto, definindo uma malha urbana que se mantém até os tempos atuais.

As Vilas de Taubaté e de Guaratinguetá mantêm a sua influência sobre a região valeparaibana. Em 1751, em sua viagem da cidade de São Paulo para o porto de Paraty, D. Antônio Rolim de Moura, o Conde de Azambuja, escreveu que Taubaté era "a melhor que vi no caminho, bem assentada, com boas ruas, largas e compridas, alegres e seus moradores mais civilizados... A Vila de Guaratinguetá em que fiquei naquele dia,...é já mais rica que as outras." (In Pasin, 2004,116-117) Os demais núcleos urbanos foram se desenvolvendo, ampliando-se a malha urbana com o aparecimento de novos povoados. Pindamonhangaba, influenciada pelo crescimento regional conquista sua emancipação em 1705. Logo após a Vila de Guaratinguetá, no local em que se realizava a travessia do Rio Paraíba, conhecido como Porto de Guaypacaré, por doação dos moradores locais, foi criado o Patrimônio religioso em 1705, tendo sido construída capela dedicada a N. S. da Piedade. O crescimento do local foi relativamente rápido, o que a levou a se tornar freguesia em 1718. Em 1788 a Freguesia de N. S. da Piedade alcançava autonomia, sendo elevada à Vila, com o nome Lorena, por ordem do governador da Capitania Bernardo José de Lorena, que impôs seu sobrenome à vila nascente.

Após Lorena, nasceu no limite da navegabilidade do rio Paraíba o povoado da Bocaina. Em 1780 alguns devotos de S. Bom Jesús erigiram capela que em 1784 foi dotado de Patrimônio Religioso sendo benta em 6 de agosto de 1786, com o nome de São Bom Jesús da Cana Verde.

Mais adiante do caminho, antes de se atravessar a Mantiqueira, teve origem outro núcleo no ano de 1781, com a construção da capela de N. S. da Conceição do Embaú. Nascia o Patrimônio Religioso do Embaú.

Na Serra da Bocaina, por onde passava a Estrada Real, Cunha ganhou posição especial. Ao longo do caminho existiam três pequenos povoados: Campo Alegre, Facão e Boa Vista. Quando as autoridades eclesiásticas resolveram criar paróquia na zona, o povoado do Facão foi o preferido. Entre 1736 e 1749 foi criada a freguesia de N. S. da Conceição do Facão, que, em 1785, passaria à Vila, com a denominação de N. S. da Conceição de Cunha.

O único núcleo originado no período que não se prendia, diretamente, às vias de circulação é o de Aparecida. Surgiu às margens do rio Paraíba, em torno da devoção da imagem de N. S. Aparecida, logo considerada milagrosa, que atraía devotos e foi colocada em capela própria no ano de 1745. Em torno da capela foi se desenvolvendo o povoado que hoje é a cidade de Aparecida.

Ao final do século XVIII, conforme tabela abaixo, na região por onde passava a Estrada Real, O Caminho do Ouro, existia uma capela religiosa, dois bairros rurais, três patrimônios religiosos e seis vilas, a metade seiscentista e as demais setecentistas.

| | a 1690 | 1690 - 1780 |
|--------------|-------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Capela | | Aparecida (1745) |
| | Campo Alegre Facção Boa Vista | Campo Alegre Boa Vista |
| Bairro Rural | Tremembé 2 - Pindamonhangaba | Tremembé Embaú (1781) Cachoeira Paulista (1784) |
| Freguesia | | |
| Vilas | Taubaté Guaratinguetá Paraty | Taubaté - 1645 Guaratinguetá - 1651 Paraty - 1667 Pindamonhangaba - 1705 Cunha - 1785 Lorena - 1788 |

O2 - AS CAPELAS

O cenário regional colonial foi marcado pela presença dos caminhos as das capelas. Duas grandes marcas da colonização portuguesa e que acabam por caracterizar a paisagem regional até os dias atuais.

As capelas se destacam devido ao seu significado histórico e por se representar nos dias atuais uma expressão viva dos primeiros séculos da formação regional. Elas surgiram em decorrência do desejo de converter os povos pagãos ao cristianismo, da estreita ligação entre Estado metropolitano e Igreja e o peso que tinha a igreja católica durante o período colonial. Elas compunham o cenário,

figurando como uma verdadeira "legitimação da conquista". (Mello e Souza, 1997,33)

Como escreve Eduardo Hoornaert:

"Na colonização latino americana em geral e brasileira em particular, a construção de igrejas e capelas tornou-se a marca de conquista em dimensões nunca alcançadas na história anterior do cristianismo. A maioria das construções religiosas do período colonial não obedeceram principalmente a considerações de ordem pastoral, mas significaram padrões de posse em nome do Império e garantia de domínio sobre índios, franceses, holandeses e quilombolas...Daí o excesso de construções religiosas verificado " (in Sodero Toledo, 2001, p.86).

No trajeto do Caminho do Ouro elas foram surgindo para atender às práticas religiosas da época colonial, como assistir a missa aos domingos e dias santos, fazer o sepultamento no interior da igreja para o repouso da alma e realizar o culto da imagem de invocação religiosa dos fiéis. As capelas representavam uma concretização dos primeiros povoadores e das comunidades, além de se constituírem em símbolo do poder espiritual aliado ao poder temporal. Elas passaram também a determinar a organização urbana. Geralmente era concluída a igreja e depois os edifícios públicos.

Capelas Coloniais: relação por época de construção:

| Período | Ano | Capelas e Igrejas |
|----------------------------------------|--------|----------------------------------------------|
| Seiscentos : penetração e colonização | 1 640 | S. Francisco das Chagas - Taubaté |
| | -1 650 | Santo Antônio - Guaratinguetá |
| | 1 672 | Bom Jesús - Tremembé |
| | 1 674 | Santa Clara - Taubaté |
| Setecentos : ligada ao caminho do ouro | | N. S. do Bonsucesso - Pindamonhangaba |
| | 1 700 | N. S. do Rosário - Taubaté |
| | 1 705 | N. S. da Piedade - Lorena |
| | 1 724 | Jesús, Maria e José - Cunha |
| | -1 730 | Lava-pés - Cunha |
| | 1 730 | N. S. da Conceição - Cunha |
| | 1 730 | N. S. Sant'Ana - Cunha |
| | 1 745 | N. S. Aparecida - Aparecida |
| | 1 748 | N. S. do Pilar - Taubaté |
| | 1 753 | N. S. da Piedade - Taubaté |
| | 1 781 | N. S. da Conceição - Embaú |
| | 1 784 | Bom Jesús da Cana Verde - Cachoeira Paulista |
| | 1 793 | N. S. do Rosário - Cunha |

03 - CAMINHO, CAPELAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

À História dos caminhos e descaminhos do ouro pode-se vincular a produção do patrimônio cultural, material e imaterial, produzido nos primeiros tempos de colonização.

Os desbravadores e viajantes, para suprir suas necessidades foram formando roças, pousos, povoados bairros e capelas. No convívio com os povos primitivos foram impondo sua cultura, adaptando às condições naturais e sociais encontradas, interagindo com os povos nativos, gerando formas novas de se expressar, fazer e ser. Os primitivos nomes das cidades atestam esta singularidade ao colocar o nome do santo associado ao nome dado pelos indígenas ao local, como o de São Francisco das Chagas de Taubaté e Santo Antônio de Guaratinguetá.

Ao longo das estradas reais podiam ainda ser encontradas a maioria das capelas e igrejas construídas na época da mineração, embora apresentem modificações em suas estruturas e nos detalhes artísticos. No quadro em anexo pode-se perceber que não foram poucas e que acabaram por compor um significativo cenário regional.

Quadro: Capelas e Igrejas Colonias na região paulista da Estrada Real - Caminho do Ouro - Relação por roteiros

| E.R.: Caminho do Ouro | Capelas | Data |
|-----------------------|------------------------------|-------|
| Cunha | Jesús, Maria e José | 1724 |
| | Lava-Pés | 1730 |
| | N. S. da Conceição | 1730 |
| | N. S. Sant'Ana do Paraitinga | 1730 |
| | N. S. do Rosário | 1793 |
| Taubaté | S. Francisco | 1640 |
| | Santa Clara | 1674 |
| | N. S. do Rosário | 1700 |
| | N. S. do Pilar | 1748 |
| | N. S. da Piedade | 1753 |
| Tremembé | - Senhor Bom Jesús | 1672 |
| Pindamonhangaba | - N. S. do Bonsucesso | |
| Aparecida | - N. S. de Aparecida | 1745 |
| Guaratinguetá | - Santo Antônio | 1630 |
| Lorena | - N. S. da Piedade | 1705 |
| Cachoeira Paulista | - S. Bom Jesús da Cana Verde | 1784 |
| Embaú | - N. S. da Conceição | 1781 |
| | | |

No trecho do Caminho do Ouro em território valeparaibano, região de passagem, isolada depois da abertura do Caminho Novo de Garcia Paes, funcionando como

uma economia subsidária à economia mineira, não houve tempo e nem recursos financeiros para construir templos tão bem elaborados como os de Paraty e das cidades mineiras.

As capelas e igrejas coloniais erigidas no Vale do Paraíba não ostentavam esmero artístico. "As primeiras estruturas das igrejas desse período possuem acentuada dominância do artesanal sobre o artístico" (Tirapelli, 1984,163) Correspondiam ao modo de viver da população, muito simples, ligado praticamente a uma economia de subsistência, de beira de estrada.

As construções religiosas somente entrariam em processo de embelezamento e refinamento, principalmente externo, durante o período do Império, estimulada pelo crescimento da economia cafeeira. Dessa forma, segundo Percival Tirapelli, especialista no assunto, houve dois momentos nas Igrejas, a saber: 1o = criação praticamente artesanal, de forma primitiva, adaptando-se às técnicas da região. A técnica mais utilizada era a de taipa de pilão, sendo que algumas apresentam paredes de pau a pique.

2a = o embelezamento durante as reformas, na maioria dos casos, durante o século XIX.

As capelas e igrejas coloniais distribuídas ao longo do Caminho do Ouro, em seu trecho paulista, marcam a paisagem, avivam a memória histórica e constituem parte significativa de seu patrimônio cultural. Entre elas merecem destaque neste levantamento inicial:



Cunha

A Capela dedicada a Jesús, Maria e José foi construída em 1724, no povoado da Boa Vista, um dos três bairros mais antigo do município de Cunha, na denominada "boca do sertão". Ela foi construída por Luiz da Silva Porto, em sua fazenda e constitui um dos belos exemplares do início dos setecentos.

Até a metade do século XVIII constitui-se em capela curada, ao lado da capela do Facão. Ali ocorreram batizados e casamentos. Com a criação da paróquia do Facão em 1749 ela perdeu suas prerrogativas eclesásticas e sua importância.

A capelinha do Lava-pés foi construída antes do ano de 1730 nas proximidades do ribeirão do mesmo nome, ao lado da atual cidade de Cunha. Ela abrigou a imagem de N. S. da Conceição antes de ir para a igreja construída para seu culto e veneração que tornou-se a igreja Matriz da cidade.

A Capela de N. S. da Conceição foi construída em 1730 no bairro do Facão, um dos mais antigos da região que deu origem a cidade de Cunha.

A imagem foi trazida por Frei Manuel, da família Falcon que ali chegou em abril de 1730. A construção da capela foi iniciada no ano de 1730, com proporções modestas, de acordo com a ajuda das famílias que por lá residiam. Predominou no altar-mor e altares de outras imagens o estilo rococó. Foi inaugurada em 8 de dezembro de 1831 e foi sendo ampliada ao longo do tempo até atingir as proporções atuais.

Durante o século XVIII começou a ser ampliada a partir de 1749. Depois, com a emancipação do município em 1785, ao passar para Vila, a igreja sofreu a capela foi novamente ampliada e restaurada para o grande acontecimento.

No século XIX sofreu reformas de grandes proporções que teve início no ano de 1861 e se estendeu até o ano de 1878. Durante o século XX novas reformas e trabalhos de manutenção em sua estrutura foram realizadas (anos de 1943-1944, 1950, início dos anos 60, 1971, começo dos anos 80, 1988, anos de 1990 e recentemente, em 2002) provocando modificações no seu exterior e interior, mantendo porém as características do barroco rococó no altar mór e altares laterais.

A Capela de Nossa Senhora Sant'Ana do Paraitinga foi construída entre os anos de 1730-1740, quando foi criada a Capela de Nossa Senhora Sant'Ana do Paraitinga. Em 1866 a capela estava em estado de ruínas e em perigo de desmoronar, o que veio a ocorrer em 1947.

A sua construção foi realmente suntuosa para um templo religioso da zona rural. Isso é devido à abundância econômica e o nível social elevado dos primeiros moradores dessa região. Foi feita de taipa de pilão batido com cerca de 60 centímetros de largura, as paredes de aproximadamente cinco metros de altura, sustentadas por alicerce feito de pedras irregulares que se prolongam para frente da capela, formando o pátio externo. A edificação de norte a sul contava com mais ou menos 14 centímetros de comprimento por uns sete de largura. A igreja do Rosário foi construída no ano de 1793.

Taubaté

A igreja de São Francisco das Chagas foi construída, provavelmente, em 1640, quando Jacques Felix deu início a um povoado em local mais próximo a aldeia dos índios guaianás. " Era um pequena igreja localizada no lugar onde hoje está a Capela dos Passos, anexa à catedral" (Ortiz, 1996,635) Em 1641, com o nome de São Francisco o lugarejo tinha vida ativa. Além da igreja construída com taipa de pilão foi levantada a Cadeia e a casa do sobrado para o Conselho. Ela data, portanto, de antes da criação da Vila em 5 de dezembro de 1645.

A Igreja maior, com dimensões aproximadas da catedral de hoje e com a mesma localização, foi erigida posteriormente. Começou a ser edificada ainda no final do seiscentismo ou no início do século XVIII e foi concluída por volta de 1800.

Durante os séculos XIX e XX a igreja passou por diversas reformas e reparos que não alteraram sua arquitetura original. " Embora, mantidas externamente as linhas primitivas, seu interior perdeu todo o caráter colonial, permanecendo apenas o retábulo do altar mor, com ricos labores e ornatos em madeira entalhada, o mesmo que lá existe até hoje" (Ortiz, 1996, 653)

A Igreja e Convento de Santa Clara foi fundado na Vila de Taubaté em 25 de março de 1674. Quando foi lavrada escritura pública na qual os oficiais da Câmara e o povo da Vila se comprometiam a construir a sua custa, igreja e prédio para um convento que abrigaria os religiosos de São Francisco, sob a invocação de Santa Clara.

No mesmo ano começou a construção do prédio na colina escolhida, onde até hoje se encontra. Em 1678 as obras já estavam bem adiantadas permitindo a vinda de grande número de religiosos franciscanos. As obras tiveram continuidade com a doações dos moradores locais.

Em meados do século XIX era grande a decadência do mosteiro. Em 1832 habitavam a casa apenas dois frades. Em 1842, houve um incêndio que destruiu a capela-mor da igreja, um grande e espaçoso salão atrás da sacristia, parte dos compartimentos internos e o seu arquivo e biblioteca. O convento Santa Clara foi totalmente recuperado em 1927 com as características com as quais se apresenta atualmente.

A Igreja do Rosário foi construída entre os anos de 1700 a 1705 pela Irmandade de N. S. dos Homens Pretos. Em 1861 foi reedificada por estar prestes a ruir. Em meados de 1879 as obras já se encontravam bem adiantadas e a igreja tomava a forma atual, crescendo em tamanho, solidez e harmonia de linhas. Os trabalhos foram concluídos no ano de 1882.

Em 1925 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, a Segunda de Taubaté. Ao longo deste tempo a Igreja do Rosário passou por algumas outras reformas que não lhe modificaram, todavia, as características da construção concluída em 1882.

A Capela de N. S. do Pilar foi construída entre os anos de 1748 a 1760 pelo taubateano Timóteo Correa de Toledo, após ter sido atendido sua petição datada de 1744, onde declarava ser filho legítimo de cristãos velhos e por ser devoto de N. S. do Pilar havia decidido difundir seu culto em Taubaté. Em 1747 foi lhe concedido o direito da construção e a administração da capela pelo bispo de São Paulo, sob uma condição:

"sob pena de excomunhão maior e duzentos cruzados, que nenhuma pessoa eclesiástica ou secular ponha escudo de armas ou quaisquer outras insígnias ou letreiros nos portais, paredes e outra parte de dentro ou de fora da dita capela, sem especial licença nossa ou de nossos sucessores por escrito" (in Ortiz, 1996,714)

O local escolhido para a construção foi " a esquina da Quarta rua", entre a Igreja Matriz e o Convento de Santa Clara. Ela foi feita de taipa de pilão, coberta de telha vã e apresenta um estilo arquitetônico totalmente diverso do colonial paulista, cujas características principais são a construção térrea, de plano quadrado e com alpendre frontal.

Restaurada entre 1945 a 1949, sofreu nova reforma em 1957. Desde a década de 1940 a capela do Pilar deixou de ser utilizada para culto religioso. Hoje abriga o Museu de Arte Sacra do Município criado em 1985.

A capela da Piedade foi construída na primeira metade do século XVIII, coberta de palha, próxima às margens do ribeirão do Judeu. A provisão foi passada em 7 de fevereiro de 1753, mas quatro anos depois o pequeno templo ainda estava sendo construído. Em 1757, assim foi descrita pelo vigário de Taubaté, padre João de Bessa Passos:

"A capela de Nossa Senhora da Piedade tem as paredes de taipa de pilão; não tem mais fábrica por se estar ainda em sua construção, por cuja causa ainda não tem ornamento, nem paramento; está distante desta freguesia 200 braças, pouco mais ou menos..." (in Ortiz, 1996,591)

Ela só foi concluída em setembro de 1866. Em 1877 a capela foi incorporada ao patrimônio do educandário de meninas, depois chamado Colégio Bom Conselho. Em fins do século XIX a capela foi demolida e foi construída a Igreja do Colégio.

Tremembé

A Igreja do Bom Jesus foi iniciada no ano de 1672, tendo sido concluída um ano depois. A seguir a capela passou por várias reformas. Em 1795 foi ampliada e colocadas as imagens de N. S. da Glória e de S. Francisco de Paula, ao lado do Sr. Bom Jesus. A primeira capela, construída por moradores foi assim descrita pelo Dr. Paula Toledo:

"A capela do Sr. Bom Jesus desta freguesia de Taubaté dista uma légua pou mais ou menos: é feita a capela de taipa de pilão e da mesma forma a sacristia, tendo no fim do corpo seu coro feito de madeira e é coberta de telha vã. A capela-mór toda forrada de madeira lisa e pintada...tem uma tribuna onde se expõe o SS. Sacramento e na boca do mesmo trono, onde estava colocado o Senhor Bom Jesus ha uma peanha grande forrada por cima da madeira lisa também pintada, todo pintado de várias cores. No retábulo do altar-mór estava imbutido o sacrário pintado por dentro de vermelho e dourado por fora e como todos os frisos do retábulo. No cruzeiro são dois altares ficando no da parte direita a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que esta metida em nicho feito na parede e para a esquerda não tem imagem alguma. Tem o corpo da igreja uma porta grande, fronteira ao altar-mor e outra porta da parte direita em uma parede de bandas. Tem a dita capela uma custodia pequena de prata sem ser dourada, onde se expõe o SS.Sacramento, no dia da festa do Senhor" (in Boletim Histórico Cultural de Taubaté, 1966,no.15).

Após a inauguração da capela ocorreu a fama de milagres e o local passou a se constituir em centro de peregrinação . Desta forma, as rendas foram aumentando permitindo manter e ampliar o templo ao mesmo tempo que surgiram disputas pela sua administração gerando demandas judiciais, por ter despertado, "como era natural, a cobiça de muita gente" (in Ortiz, 603) Atualmente, a Basílica do Bom Jesus é muito bem conservada. Embora seja de bom tamanho para a população residente na cidade, é muito pequena para a quantidade de fiés que acorre a Tremembé durante a festa. A imagem é o centro do culto e devoção como é tradição na religião trazida pelos colonos para o Brasil. De início, a festa era organizada pelos zeladores da capela, membros da família Cabral, conforme dispunha o documento de doação do patrimônio religioso, datado de 1731. Depois, a Irmandade do Bom Jesus, fundada em 1736 com autorização do bispo do Rio de Janeiro, passou a dirigir a igreja e a zelar por tudo o que fosse de interesse do Padroeiro.

Em 1907 a Irmandade do Senhor Bom Jesus do Tremembé foi dissolvida e a Igreja elevada a Santuário Episcopal confiada aos padres trapistas. A paróquia de Tremembé foi instituída em 17 de outubro de 1907, desmembrada de Taubaté. Hoje ela compreende o Santuário do Bom Jesus, a Capela de Nossa Senhora da Guia, a Capela de São Sebastião, a Capela do Padre Eterno, a Capela do Poço Grande, a Capela da Maristela, a Capela do Berizal.

Pindamonhangaba

A igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso (a velha) foi construída no século XVIII. Em 1841, foi reedificada, por ordem do monsenhor Marcondes. Em 1849 foi novamente reformada e sua fachada ganhou o aspecto atual. Parte das colunas e frontão tem estilo gótico e o restante tem estilo romano. O interior é ricamente ornamentado por vários altares e uma pia batismal. No Altar Mor venera-se a imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, padroeira da cidade. A bela pintura do teto e porte posterior da nave central é obra do artista Antonio Limones.

Aparecida

A Basílica Velha de Aparecida foi construída pelos devotos no ano de 1745, no alto do morro dos coqueiros. Em 1757, assim foi descrita pelo Pe. João de Moraes e Aguiar, vigário de Guaratinguetá:

" Está situada esta capela uma légua, pouco menos da Matriz, em lugar alto, aprazível e naturalmente alegre. É a igreja de taipa de pilão: tem o altar mór com tribuna em que está a imagem da Senhora, com dois altares colaterais, todos pintados e o teto da capela-mor; é forrada a igreja e tem por baixo assoalho de madeira com campas; tem coro, dois púlpitos, sacristias com duas vias-sacras, corredores assobradados e ambas as partes com casas por : tem uma torre, a sacristia pintada e ornamentos de todas as cores, os quais e o mais móveis constam do inventário." (In Tirapelli, 1983, 149)

O templo sofreu diversas reformas. Na de 1760-1780 recebeu a estrutura de taipa de pilão, parte da alvenaria para ampliação e colocação das duas torres. Neste estágio a Capela foi desenhada por Thomas Ender em 1817 e por Pallière em 1821. Em outra reforma, de 1824 a 1834, foram feitos reparos no telhado, presbitério e paredes. Entre os anos de 1845 a 1862 foram construídas as duas torres; entre 1878 a 1880 foram construídas as naves; em 1882 foi construída a capela-mór; e, em 1882 a obras estavam praticamente concluídas.

Atualmente passa por novo processo de restauração.

Guaratinguetá

A primitiva capela de pau a pique, coberta de palha de foi construída na primeira metade do século XVII, pois a 13/02/ 1651 quando foi erigida a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, o capitão Domingos dias Leme, por ordem oficiais, levantou pelourinho e transformou o povoado ali existente em Vila.

Em 1701, com o auxílio dos moradores, foi ampliada e instalada a Confraria de Santo Antonio de "Goratinguetá". Já construída em taipa, possuía três naves, três altares (dois dourados) e com o teto da Capela Mor forrado e esta toda pintada e com painéis; possuía já o consistório da Irmandade do Santíssimo incorporado em 1714. Em 1770, devido ao lastimável estado em que se encontrava a Igreja decidiu-se pela sua reforma e a construção de um novo corpo para a igreja. Em 1772 as obras fossem arrematadas em hasta publica. Pela descrição do contrato de risco, ficava estabelecido que o corpo da igreja seria ampliado ou construído totalmente, tomando as proporções que atualmente tem, sendo as paredes de taipa com seis palmos de grossura; cento e trinta palmos de comprido e cinqüenta palmos de largura teria o corpo da igreja, com cinqüenta e cinco de altura. Haveria dois corredores, em cima e em baixo, com cinco janelas em cima e em baixo. A porta principal seria de almofadas. Determinava também a construção do coro, com duas escadas (como ainda hoje), dos púlpitos e suas cúpulas etc. Por volta de 1777 as obras iam adiantadas, porem não estavam completas.

Segundo a aquarela de Thomas Ender, de 1817, vê-se a matriz pronta, mas com uma só torre, em vez de duas previstas no risco , embora presentes as demais determinações do mesmo: janelas laterais em cima e em baixo, porta principal almofadada, etc. Era, enfim, uma igreja colonial. De taipa foi construída, durando até hoje. Na sacristia atual, na parte interna das tribunas, ainda se pode ver como era a igreja há dois séculos.

O interior tinha ampla nave, como atualmente, e corredores em cima e em baixo acompanhando da nave, o que deixava a igreja escura; possuía três altares, o altar-mor e os de N. Sra. Das Dores e do Rosário, provavelmente. Essa dedução se baseia nas características do estilo dos três altares, principalmente nos capitéis das colunas e no fato de os dois últimos terem, atrás, sinais de que seriam escanteados, costume muito comum nas igrejas coloniais de três altares. Todo esse conjunto, e mais o Arco-Cruzeiro, é barroco, com características distintas de outras regiões.

Durante o século XIX sofreu algumas modificações. Entre 1822 e 1860 houve amplas reformas na fachada da igreja que tomou um aspecto neoclássico. Esta capela, que se localizava onde hoje é a sacristia, desapareceu em reformas posteriores. Era de talha e retábulo, forrada, pintada e dourada. As obras modificadoras do frontispício tiveram inicio em 1834 com a demolição do velho frontispício que era feito de taipa de pilão, e da torre, agora substituídos por novos erguidos de pedra. Em 1852 estava erguida a torre do lado do Evangelho com seus sinos velhos. Depois de 1852 se ergueu a outra torre. As torres correspondiam a dois terços da altura atual. Toda fachada assumiu, então um aspecto neoclássico, com suas colunas e pilastras de ordem toscana e de pedra. As partes laterais continuaram como na antiga igreja; contudo, quatro portas foram abertas.

Durante o século XX novas reformas e alterações foram realizadas. De 1910 a 1913 outros melhoramentos foram realizados. Em 1914, novas inaugurações: a capela do Santíssimo, os altares de N. Sra. De Lourdes e S. José, junto ao Arco-Cruzeiro , avultado número de quadros (já desaparecidos), os dois púlpitos, grade de ferro em todos os altares e na porta da capela do Santíssimo e nas janelas. Em 1928, inaugurou-se o altar de mármore da Capela do Santíssimo. Em 1930, outras modificações, como a substituição do piso de madeira por um de mosaico. Nessa ocasião, foram retirados os restos dos defuntos sepultados na igreja em séculos passados, e reunidos na parte central, sob o grande lustre de cristal então existente próximo ao Arco-Cruzeiro. É desse ano a inauguração do bellissimo para-vento, obra em talha de madeira. Os pára-ventos da portas laterais, do mesmo estilo, desapareceram nos anos 50. Novas reformas foram efetuadas nos anos 40 , 50 e neste início do século XXI dando a Igreja Matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá as características atuais.

Lorena

A capela dedicada a N. S. da Piedade foi edificada em 1705 quando foi criado o Patrimônio religioso, em frente ao Porto de Guaypacaré. A primitiva capela foi deslocada posteriormente para o local em que se encontra atualmente. No final do século XIX foram concluídas as reformas que correspondem hoje a atual Catedral de Lorena.

Logo no princípio o local tornou-se ponto de parada obrigatória para os que iam e vinham das minas gerais, constituindo-se no segundo centro de peregrinação da região.

Cachoeira Paulista

A capela do Sr. Bom Jesus da Cana Verde foi construída e dotada de Patrimônio Religioso em 1784. Ficava no alto de uma colina, na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, próximo ao Porto da Cachoeira.

Embaú

A capela de N. S. da Conceição foi benta em 6 de agosto de 1781 dotada de Patrimônio religioso.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Capistrano de. Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. 2a. ed., Rio de Janeiro: Livraria Briguet, 1960.
- ANTONIL, André João . Cultura e Opulência do Brasil. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.
- ANDRADE, Antônio Carlos de Argollo e ABREU, Maria Morgado de. História de Taubaté Através de Textos. Taubaté: Prefeitura Municipal, Taubateana, no.17, 1996.
- BARROSA, Armando Martins de. A História como curso, povoamento como percurso, os caminhos como discurso: Notas de Paraty e seu Patrimônio. Paraty: inédito, 2001.
- FERNANDES, Neusa. A Inquisição em Minas Gerais no Século XVIII. 2a ed., Rio de Janeiro, EDUERJ: 2004.
- GURGEL, Heitor; AMARAL, Edelweiss. Paraty, Caminho do Ouro. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- HOLANDA, Sergio B. de.(org.) História Geral da Civilização Brasileira. Vol.2 A Época Colonial - Administração, Economia e Sociedade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- MELLO E SOUZA, Laura. (org.) História da Vida Privada no Brasil. Vol. I, 4ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MELLO E SOUZA, Marina de. Modos de fazer e preservação do patrimônio imaterial. Paraty: texto inédito apresentado no Seminário: Paraty - Planejamento e Patrimônio Mundial, de 30/11 a 1/12 de 2001.
- MÜLLER, Nice Lecocq. O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba - São Paulo. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, publicação no. 23, 1969.
- ORTIZ, José Bernardo. São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 2o. - Taubaté Colonial. Taubaté: Prefeitura Municipal, Taubateana no. 10,1996.
- PASIN, José Luis. Vale do Paraíba - A Estrada Real, Caminhos e Roteiros. Aparecida: Ed. Santuário, 2004.
- Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba: Desbravamento e Povoamento. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.
- SANTOS, Márcio. Estradas Reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e dos diamantes no Brasil. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001
- SODERO TOLEDO, F. Outros Caminhos. Vale do Paraíba, do regional ao internacional, do global ao local. São Paulo: Ed. Salesiana, 2001.
- TIRAPELLI, Percival. A Construção Religiosa no Contexto do Vale do Paraíba - Estado de São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado, inédito, 1983.
- ZEMELLA, Mafalda P. O Abastecimento de Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1990.

Webibiográficas

- www.valedoparaíba.com/artigos

- www.cidadeshistoricas.art.br/paraty

- www.estradareal.org.br